

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO PRODUTIVO DA MORFOSSINTAXE PARA A COMPREENSÃO DO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Jairlene Costa da Silva Souza¹

Cristiane de Souza Castro²

RESUMO

A Morfossintaxe é um importante conteúdo da língua portuguesa para a compreensão do funcionamento da língua. Para que o ensino de Morfossintaxe seja, de fato, produtivo, é necessário que o professor conceba, em suas práticas pedagógicas, a linguagem enquanto interação. Essa concepção de linguagem nos permite compreender que todo ensino de língua deve ter como objeto de análise o texto, tendo em vista que é, por meio dele, que ocorrem as nossas interações sociais, o que faz com que tenhamos de superar práticas pedagógicas que envolvam apenas memorização de regras, sem aplicá-las em um contexto comunicativo real. Nesse sentido, a atual pesquisa teve como objetivo central refletir sobre a importância do uso de metodologias que proporcionem análises linguísticas a partir de gêneros textuais, o que poderá contribuir para a reflexão do uso da língua em atividades discursivas significativas. Optamos por uma pesquisa bibliográfica como abordagem metodológica para a apreensão de conteúdos, como reflexão acerca do ensino de gramática, concepções de linguagem e ensino de Morfossintaxe. Como resultados, foi possível compreender que, a partir da organização do trabalho docente, com base em atividades reflexivas e efetivas, tendo como objeto de ensino gêneros textuais, o trabalho com a morfossintaxe pode ser desenvolvido de maneira eficaz e exitosa. Como aporte teórico, recorremos a autores, como Antunes (2014, 2018), Koch e Elias (2009), Travaglia (2003), Possenti (1998), assim como a documentos oficiais, a exemplo dos PCN (BRASIL, 1997).

Palavras-chave: Concepções de linguagem, Gêneros textuais, Ensino de Morfossintaxe.

INTRODUÇÃO

A concepção de linguagem e de ensino de língua que o docente assume pode contribuir para que seu trabalho, em sala de aula, seja produtivo, ou não. Desse modo, assumindo uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, o professor pode desenvolver metodologias de ensino de gramática voltadas para a reflexão da língua em uso, o que pode tornar a aprendizagem mais significativa.

Quanto ao ensino de Morfossintaxe, um trabalho voltado a apenas apresentar um conjunto de regras associadas a frases soltas, sem contextualização, pode contribuir para que o

¹ Graduada no curso de Letras com habilitação em língua portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, jairlene@hotmail.com

² Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, crscastro@gmail.com.

estudante perceba a sua língua materna como algo difícil de compreender. Daí a importância de desenvolver práticas para um ensino produtivo da língua, utilizando-se de textos em vários gêneros e ampliando as possibilidades de refletir a língua em uso.

Assim, o objetivo central desta pesquisa é refletir sobre a importância do uso de metodologias que proporcionem análises linguísticas a partir de gêneros textuais, o que poderá contribuir para a reflexão do uso da língua em atividades discursivas significativas. Consideramos que essa nossa reflexão seja relevante para contribuir para o desenvolvimento de metodologias eficientes com o objetivo de promover um ensino produtivo da Morfossintaxe.

METODOLOGIA

Ensino de gramática e, especificamente, o ensino de Morfossintaxe sempre demandou reflexões no que tange às práticas metodológicas. Isso porque, durante muito tempo, o ensino de regras gramaticais foi concebido como o ensino descontextualizado, baseado em fixação de normas preestabelecidas sem uma reflexão mais funcional da língua.

Nesse sentido, esta pesquisa apresenta uma possibilidade de abordagem da Morfossintaxe a partir dos gêneros textuais e optou-se por uma pesquisa documental, através da qual foram consultadas orientações de documentos oficiais relativas ao ensino de análise linguística e, em seguida, fizemos uma pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as várias definições para o conceito de Morfologia, podemos ressaltar que, de acordo com Bechara (1999), trata-se do estudo da palavra e suas formas. Já em relação à Sintaxe, Castilho (2010) nos diz que é o estudo das estruturas sintagmáticas e sentenciais para que se possa definir a função de cada termo dentro de tais estruturas. Na construção de um conceito da Morfossintaxe, observa-se que, de acordo com Divino e Pires (2016, p. 65), pode ser considerada como:

... o estudo de mecanismos linguísticos que envolvem as relações entre a morfologia e a sintaxe. Definidos como dois níveis de análise da língua distintos, o primeiro trata da estrutura e dos processos de flexão e formação de palavras, bem como, segundo as gramáticas, a discriminação dos vocábulos em classes gramaticais. A sintaxe, por sua vez, é a parte da gramática que define como as palavras se relacionam nas frases – o que engloba concordância, posição e subordinação – assim como as frases no discurso.

Portanto, a Morfossintaxe nos apresenta a possibilidade de analisar a língua sob essas duas perspectivas, o que envolve entender as palavras tanto na sua forma, estrutura e as classes a que pertencem (substantivos, adjetivos, advérbios, para citar algumas), como nas funções e relações que desempenham nas orações (sujeito, complemento verbal, predicativos entre outras). No entanto, consideramos que o fato de termos consciência dessas classificações não é suficiente para compreendermos os enunciados, os discursos e fazermos um uso interacionista da língua. Para isso, é importante perceber que as palavras, dependendo do contexto em que são utilizadas, podem representar classes distintas e exercer funções diferentes.

Um exemplo disso pode ser analisado em O gato é bonito. De acordo com a gramática normativa, consideramos a palavra gato como um substantivo, uma vez que nomeia uma espécie animal, e pode exercer diferentes funções sintáticas na oração, como sujeito e complementos verbais, assumindo, na oração em análise, o papel de sujeito. No entanto, quando dizemos O menino é um gato, a palavra gato não mais seria classificada como substantivo, pois existe um contexto sociocomunicativo, que a classifica como uma palavra adjetiva, assumindo, agora, a função sintática de predicativo do sujeito. É importante, também, analisar que sentido se pretende construir ao empregar uma palavra em um enunciado, que aspectos ideológicos estão subjacentes. No caso do emprego da palavra gato, no contexto da oração apreciada, o substantivo adjetivado apresenta o sentido de “menino bonito” e esse termo adjetivado expressa uma dimensão argumentativa.

Esse breve exemplo demonstra que os fatos da língua vão além da gramática normativa e não se pode resumir o ensino de uma língua a normas preestabelecidas, sem levar em conta o contexto situacional, como os interlocutores, o gênero textual no qual foi produzido o texto, os discursos subjacentes a esse texto entre outros aspectos. Desse modo, para compreendermos os desafios e as perspectivas que o ensino da língua materna nos apresenta, é necessário ter bem definido qual concepção de linguagem desejamos ressaltar em nossa prática para melhor conduzir o ensino dos aspectos morfossintáticos da língua.

Assim, as diversas concepções atribuídas à linguagem apresentam implicações para o ensino de língua. Koch e Elias (2009) elencam tais concepções, como: a) linguagem como representação do pensamento: o foco é dado ao locutor/emissor que elabora uma representação mental que precisa ser “captada” pelo interlocutor (desconsiderando os fatores externos em que a linguagem se realiza, como contextos sociocultural; b) linguagem como sistema pronto,

acabado: a linguagem como um código através do qual o emissor transmite uma mensagem para o seu receptor, que deve compartilhar o conhecimento do código, para entender exatamente o que lhe foi transmitido; c) linguagem como interação: os interlocutores assumem o papel de sujeitos ativos, atores sociais.

No que se refere às duas primeiras concepções, é possível observar que o foco continua no emissor, visto que o papel do receptor é apenas absorver o que lhe foi dito, sem margem para outro entendimento, sem considerar a situação comunicativa e as diversas formas de compreender um enunciado. Nesse sentido, nessas duas concepções, o ensino apresenta-se centrado nas regras da gramática, deixando de lado as relações sociais nas quais os interlocutores se tornam sujeitos ativos, o que poderia possibilitar a construção dos diversos sentidos dos textos (GERALDI, 2011), o que, no caso do ensino da Morfossintaxe, pode apresentar prejuízos significativos.

No que tange à concepção interacionista da linguagem e, por conseguinte, à concepção de ensino de língua, Santos (2007) aponta para o fato de que a nova perspectiva de ensino da língua deveria ser pautada numa visão centrada na noção de interação, na qual a linguagem deve ser concebida como uma atividade, e, não, um mero instrumento. Apesar de essa concepção ter surgido há algumas décadas, é possível, ainda, perceber alguns desafios quanto ao ensino produtivo da língua portuguesa, ensino esse pautado na compreensão de que a língua é um instrumento de comunicação que precisa ser entendida em situações de uso.

De acordo com Travaglia (2003), o ensino da língua materna está intimamente relacionado com a concepção de linguagem que o professor adotará, pois é como concebemos a natureza fundamental da língua que se estrutura o trabalho na sala de aula. Ensinar língua não deve ser entendido como ensinar gramática e esta precisa ser compreendida como “... um dos componentes de que se constitui uma língua (...). Não é o único nem o mais importante” (ANTUNES, 2014, p. 24). Essa afirmação se faz pertinente e ratifica a relevância de um trabalho sociointeracionista com o ensino de língua, pois “... uma língua é constituída por muito mais do que, simplesmente, uma gramática” (*ibidem*, p. 24).

Esse paradigma de ensino de língua ainda encontra algumas resistências em nossas salas de aulas, tendo em vista que, para muitos, ser “bom em português” é sinônimo de saber fazer “bom uso da gramática”, decorando as regras e nomenclaturas. No entanto, é preciso repensar tais conceitos, pois, como afirma Possenti (1988), não se ensina português para quem já o sabe. Os estudantes chegam à escola dominando a língua materna, já entendendo o que é possível ou

não em sua estrutura, cabendo à escola refletir os usos que podemos fazer dessa língua e aplicar esse entendimento ao ensino da Morfossintaxe poderia ser muito proveitoso.

Nesse sentido, Antunes (2018) reforça a ideia de que o ensino de gramática que não seja concebido sob a ótica interacionista da língua, seria: a) um ensino *descontextualizado*, distante do uso real da língua; b) um ensino *fragmentado*, usando frases e palavras soltas sem contexto e função; c) um ensino *voltado para nomenclaturas*, priorizando a memorização dos nomes das unidades, suas classes e subclasses através de exercícios repetitivos para reconhecer as classes gramaticais e funções sintáticas das palavras. Evidentemente, essa prática pedagógica não contribui para que o estudante seja um usuário proficiente de sua língua, não propicia o desenvolvimento de habilidades necessárias para que haja uma reflexão para a aprendizagem da língua em contextos de comunicação, uma análise linguística relevante.

O ensino de língua focado apenas nas regras gramaticais, de maneira descontextualizada, realiza-se mediante metodologias que exploram a análise de frases ou palavras soltas, com ênfase nas nomenclaturas das classes e funções gramaticais, o que já foi ressaltado aqui como uma prática ineficiente para o ensino de língua. Diante dessa realidade, Antunes (2018) defende que haja um redirecionamento dessas metodologias para práticas que utilizem como objeto de ensino o texto.

Partindo dessa ideia, ao usar o texto – unidade da língua em uso – como base da atividade de análise linguística, o professor poderá oferecer para os estudantes um ensino produtivo de gramática com o qual seria possível demonstrar como a língua se constitui nos mais variados gêneros de textos orais e escritos e de que forma os aspectos gramaticais são importantes na construção dos sentidos daquilo que pretendemos falar ou escrever (ANTUNES, 2018).

Nesse sentido, apresentaremos, a seguir, algumas reflexões acerca do ensino da Morfossintaxe a partir de gêneros textuais enquanto objeto de ensino. Entendemos que esse procedimento é uma maneira eficiente de promover um ensino produtivo desse aspecto linguístico e a compreensão do funcionamento da língua nas atividades discursivas.

A perspectiva de um ensino de análise linguística, ou seja, um ensino com ênfase na reflexão do uso real da língua, em que os estudantes possam compreender os efeitos práticos que as regras exercem no processo da interação, deixa evidente a promoção de um ensino relevante e funcional. Essa prática evidencia a utilização de regras gramaticais que possam ser úteis e aplicáveis dentro dos contextos comunicativos reais, o que torna possível a aplicação

das regras em textos de diferentes gêneros e ressalta o fato de que “... não adianta saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam” (ANTUNES, 2018, p. 97).

Nessa perspectiva, é importante que se considere que a gramática de uma língua não pode ser analisada dissociada de uso prática dessa língua, sem que se observem seus aspectos pragmáticos, sociointeracionistas. Os valores sintáticos e morfológicos das palavras, desse modo, são determinados pelo contexto em que se inserem e isso contribui para a compreensão do texto, não podendo esse fato ser desconsiderado no processo de ensino e aprendizagem da língua.

O contexto de produção, os interlocutores, o estilo, o gênero em que o texto foi produzido, tudo isso funciona como pistas para a construção de sentidos do texto. As palavras não se apresentam de maneira aleatória em um enunciado, pois sua disposição segue um princípio lógico de organização em sintagmas em que é permitido que certa palavra esteja em tal posição, em um dado contexto, já que “Uma frase não é simplesmente uma sequência de palavras; as palavras se agrupam de várias maneiras, que correspondem a seus componentes de significado” (PERINI, 2019, p. 29).

Também é preciso ressaltar que nem todas as palavras assumem as mesmas funções nem representam os mesmos papéis morfológicos em todos os contextos. É possível que, em uma dada situação comunicativa, uma palavra assumam determinado sentido, mas, em outro, diferente significação. Isso depende das intenções do produtor, das várias possibilidades de compreensão do interlocutor, este utilizando-se de todo um arcabouço de conhecimentos prévios, como o linguístico, o interacional, o textual e o enciclopédico (KOCH; ELIAS, 2009).

Dessa maneira, o ensino da Morfossintaxe de uma língua, assim como de outros conteúdos, precisa levar em consideração o texto como objeto de ensino em todas as suas dimensões, não só a gramatical, porque, consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa do ensino fundamental (PCN) (BRASIL, 1997):

Quando se toma o texto como unidade de ensino, os aspectos a serem tematizados não se referem somente à dimensão gramatical. Há conteúdos relacionados às dimensões pragmática e semântica da linguagem, que por serem inerentes à própria atividade discursiva, precisam, na escola, ser tratados de maneira articulada e simultânea no desenvolvimento das práticas de produção e recepção de textos. (BRASIL, 1997, p. 78).

Esse entendimento contribui para a compreensão de que o trabalho com os aspectos gramaticais precisa ter um tratamento interacional, afinal de contas, a gramática “... é um dos componentes da língua (...)” (ANTUNES, 2014, p. 24), ela faz parte da língua, não a representa em sua totalidade. Dessa maneira, o ensino da gramática precisa ser orientado de modo que os demais aspectos da língua sejam levados em consideração, uma vez que:

Na concepção da linguagem como interação, a gramática não se constitui sozinha, ou separadamente das atividades verbais realizadas por seus falantes. São todos os usuários – em suas trocas linguísticas cotidianas – que vão criando e consolidando o que, nos diferentes grupos, vai funcionando como “norma”, quer dizer, como uso regular, habitual costumeiro. (ANTUNES, 2014, p. 25).

Uma excelente maneira de dar esse tratamento contextualizado aos conteúdos gramaticais é, sem dúvida, a reflexão da língua a partir dos textos, assim, dos gêneros textuais. Com o ensino e a aprendizagem de aspectos morfosintáticos da língua, não seria diferente, pois, ao utilizar gêneros textuais de diversos domínios discursivos, o docente poderá proporcionar a seus alunos uma experiência mais significativa com relação à análise dos aspectos gramaticais da língua.

Com base no que vimos apresentando até aqui, vejamos algumas possibilidades de trabalho com gêneros textuais em aulas de Morfosintaxe, tendo como base a concepção interacionista da língua. Inicialmente, acreditamos ser viável aplicar as seguintes propostas para todas as séries do ensino fundamental, uma vez que tanto o conteúdo programático quanto os gêneros selecionados são adequados para essa etapa de escolarização.

Assim, entre as muitas possibilidades de exemplares de gêneros textuais, destacamos dois que julgamos ser bastante acessíveis para o público-alvo para o qual intencionamos desenvolver as atividades: a tirinha e a propaganda social. No que se refere à tirinha, selecionamos uma da personagem Mafalda, idealizada e criada pelo cartunista argentino Quino, e muito popularizada nos materiais didáticos, principalmente nos de língua portuguesa, e, em relação à propaganda social, escolhemos uma produzida pelo governo do estado da Bahia.

Começemos com o exemplar do gênero tirinha. Vejamos:



Disponível em: <<https://cangurunews.com.br/tirinhas-mafalda/>>

Acesso em: 15 jul 2021

Inicialmente, para que haja um trabalho significativo com o texto e para que este não funcione apenas como mero pretexto para a abordagem de conteúdos gramaticais, é fundamental que, inicialmente, realize-se uma análise acerca dos conhecimentos prévios do estudante, verificando o que já sabe sobre o gênero, sobre a personagem, sobre o autor da tirinha. A partir dessa abordagem, é interessante apresentar o processo de leitura enquanto construção de sentidos e que se realiza em etapas, como a pré-leitura, a leitura propriamente dita e a pós-leitura (SOLE, 1998).

Dessa forma, pode-se partir da estratégia de leitura de predição, com o objetivo de incentivar o aluno a antecipar que temas poderiam ser tratados em uma tirinha da Mafalda, tendo um conhecimento prévio das particularidades dessa personagem. Depois disso, precede-se à leitura propriamente dita, observando todas os elementos presentes no texto, ressaltando-se os modos semióticos evidentes (expressão facial, formato dos balões, tamanho, fonte e cores das letras), considerando-os como importantes para a devida compreensão, uma vez que “... todos os aspectos da materialidade e todos os modos reunidos em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado” (KRESS, 2001, p. 28).

Com a leitura propriamente dita, será possível identificar algumas informações relacionadas às experiências interacionais do estudante, como as relações entre filha e mãe, a questão da autoridade dos pais sobre os filhos, conflitos de geração e outros dados que possam suscitar um debate interessante a partir do texto. Após esse momento, é possível iniciar a análise dos aspectos gramaticais, com ênfase nos morfossintáticos, seleção lexical, organização dos termos em sintagmas, promovendo uma abordagem contextualizada para a análise linguística.

Observando, especifica e unicamente, o aspecto gramatical do texto, se o aluno, por exemplo, apenas considerar a possibilidade de a palavra mas ser uma conjunção adversativa e não ampliar as possibilidades de reflexão de uso dessa palavra no contexto em que ela se insere,

provavelmente, ele não saberá atuar no sentido de considerar a situação comunicativa e, assim, poderá ficar alheio à noção sociointeracionista da língua, apresentando algum prejuízo em relação à compreensão do uso dessa palavra no texto. Ao contrário, estando esse aluno ciente das várias possibilidades de análise dos usos das palavras de uma língua em um dado contexto, provavelmente poderá reconhecer que, na tirinha, esse mas não se enquadra na classe de palavra denominada de conjunção, a qual não assume função sintática.

No caso em tela, um ensino mais exitoso das classes de palavra, considerando os sentidos pretendidos pelo locutor ao usá-las, o gênero em que foi produzido o texto, a circunstância da enunciação, provavelmente, contribuiria para que o aluno compreendesse que se trata de uma palavra denotativa da situação, ou seja, um termo usado sem classificação morfológica específica. Apesar de não apresentar uma classificação morfológica, sem dúvida, essa palavra contribui para a construção do sentido do enunciado e “dialoga” com aspectos interacionais da língua, relacionando-se às experiências enunciativas do estudante, que, provavelmente, em diversas situações de comunicação, já deve ter elaborado uma construção semelhante à fala da personagem da tirinha.

Uma outra possibilidade de promover um ensino da Morfossintaxe a partir de gêneros textuais é o uso de uma propaganda social, como a seguir:



Disponível em: <<https://www.facebook.com/governodabahia/>>

Acesso em: 15 jul 2021

Trata-se de uma propaganda social, idealizada pelo estado da Bahia com a finalidade de orientar as pessoas quanto aos cuidados com as formas de transmissibilidade do vírus causador da Covid-19, enfermidade causada por um coronavírus, que, desde o final de 2019, preocupa a comunidade internacional, transformando-se em uma pandemia. Assim, a propaganda se refere à orientação a respeito da postura da população diante da pandemia da Covid-19 e aconselha que as pessoas evitem o contato direto e intenso com outras, daí o apelo para que não

aglomerem.

De igual forma como apresentado com a tirinha, é interessante explorar o que o estudante já sabe sobre o gênero, seus propósitos comunicativos, seus interlocutores, assim como observar os aspectos multissemióticos do texto. Isso é importante que se ressalte dado que “... os textos precisam ser lidos em sua integralidade, sempre considerando que cada aspecto deles, linguístico e não linguístico, produzirá algum efeito ou se aproximará disso” (RIBEIRO, 2021, p. 124-125).

Ainda explorando o conteúdo do texto, vê-se o apelo institucional, a partir da argumentação de que, se as pessoas saem de casa, se provocam aglomeração, diante do contexto da doença, as Unidades de Terapia Intensiva (UTI) dos hospitais, conseqüentemente, precisarão receber mais pacientes precisando de suporte para a manutenção da vida. Essa orientação para o distanciamento social, em uma análise comportamental da sociedade e por meio de informações expostas pela grande mídia, tem causado alguns aborrecimentos, sobretudo em pessoas que, talvez, não tenham compreendido que ficar em casa, neste momento, é uma questão que vai além da empatia, sendo, na verdade, um tema de saúde pública.

Após toda essa atividade de compreensão, parte-se, então, para a análise linguística do texto. Dessa forma, pode-se iniciar com a análise da palavra cheio, notadamente um adjetivo, uma vez que se apresenta como um qualificador de um substantivo e, dependendo do contexto em que é usada, pode representar dois valores sintáticos, a saber: predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

Além desse conhecimento gramatical, é necessário que o aluno observe os sentidos que a palavra pode assumir no contexto em que se encontra, ampliando as possibilidades de compreensão. Na propaganda, a palavra cheio, na frase tá cheio desse corona, apresenta o sentido de “aborrecido”, “entediado” e essa compreensão só se faz viável quando se observam os vários aspectos da língua, não apenas os gramaticais, sobretudo os interacionais.

A partir dessas duas possibilidades de abordagem de ensino de língua, compreendemos que a perspectiva do ensino da Morfossintaxe, pautado na concepção interacionista da linguagem, apresenta-se de modo mais significativo, já que as funções e classificações das palavras dependem do contexto comunicativo em que estão inseridas. Isso porque, como explica Antunes (2018, p. 89), “... a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”, portanto, como a própria autora ainda diz, “... é apenas no domínio do texto que as regularidades

da gramática encontram inteira relevância e aplicabilidade” (ANTUNES, 2018, p. 92).

Desse modo, compreendemos que, para um ensino produtivo da Morfossintaxe, são necessárias práticas de análise linguística por meio dos mais diversos gêneros textuais, visto que é, através deles, que a linguagem se realiza. Esse entendimento é relevante, tendo em vista que o objetivo do professor de língua portuguesa é o de contribuir para que o aluno seja um competente usuário de sua língua nos mais variados contextos comunicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o ensino de Morfossintaxe seja produtivo e significativo, acreditamos que ele deva ser pautado sob o ponto de vista sociointeracionista da linguagem. Isso porque a compreensão das particularidades de uma língua vai além da assimilação de suas regras gramaticais, é preciso que haja uma reflexão quanto ao contexto comunicativo, aos aspectos pragmáticos da língua.

Assim, em relação ao trabalho com a Morfossintaxe, o docente precisa desenvolver metodologias de ensino com a finalidade de atribuir sentidos aos aspectos linguísticos, o que pode contribuir para que o estudante perceba a língua em uso. Significa dizer que esse estudante precisa ter proficiência para reconhecer como as classes e funções das palavras fazem sentido dentro dos textos que produzimos no cotidiano, nos mais diversos gêneros textuais, o que se apresenta viável a partir de uma prática pedagógica sob a perspectiva sociointeracionista da linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

_____. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIVINO, R.G.F; PIRES, J.A.O. Noções de morfossintaxe nos processos de formação de palavras. **Pensares em Revista**. São Gonçalo-RJ, n. 8, p. 64-80, 2016.

GERALDI, João. Wanderley. Concepções de linguagens e ensino de português. In: GERALDI, J.W (org.): **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWUEN, Theodore. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold. 2001.

PERINI, Mário A. **Sintaxe**. São Paulo: Parábola, 2019.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas/São Paulo: ABL Mercado de Letras, 1988.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SANTOS, C. O. O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros textuais. In: SANTOS, C; MENDONÇA, M; CAVALCANTE M. C. B. **Diversidade textual**: Os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11-17.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. – Porto Alegre: Penso, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez Editora, 2003.